

As Ruínas Romanas de Milreu

Resumo histórico

As Ruínas Romanas de Milreu constituem um exemplo de *villa* rústica, cuja origem esteve ligada ao crescimento económico do Império Romano no século I e que, no século III, se tornou numa luxuosa residência de campo.

A *villa* de Milreu era composta por extensa área agrícola e zonas de produção de azeite e vinho, onde trabalharia a população local. A zona possui bons aquíferos, situa-se nas proximidades da cidade de *Ossonoba*, actual Faro e do seu porto, onde a produção agrícola seria comercializada.

A área residencial dos proprietários viria a adquirir uma expressiva dimensão a partir do século III e no século IV, com a criação de uma zona social ampla, com acabamentos de qualidade, como a aplicação de mármore, pavimentos de mosaicos e paredes com pinturas.

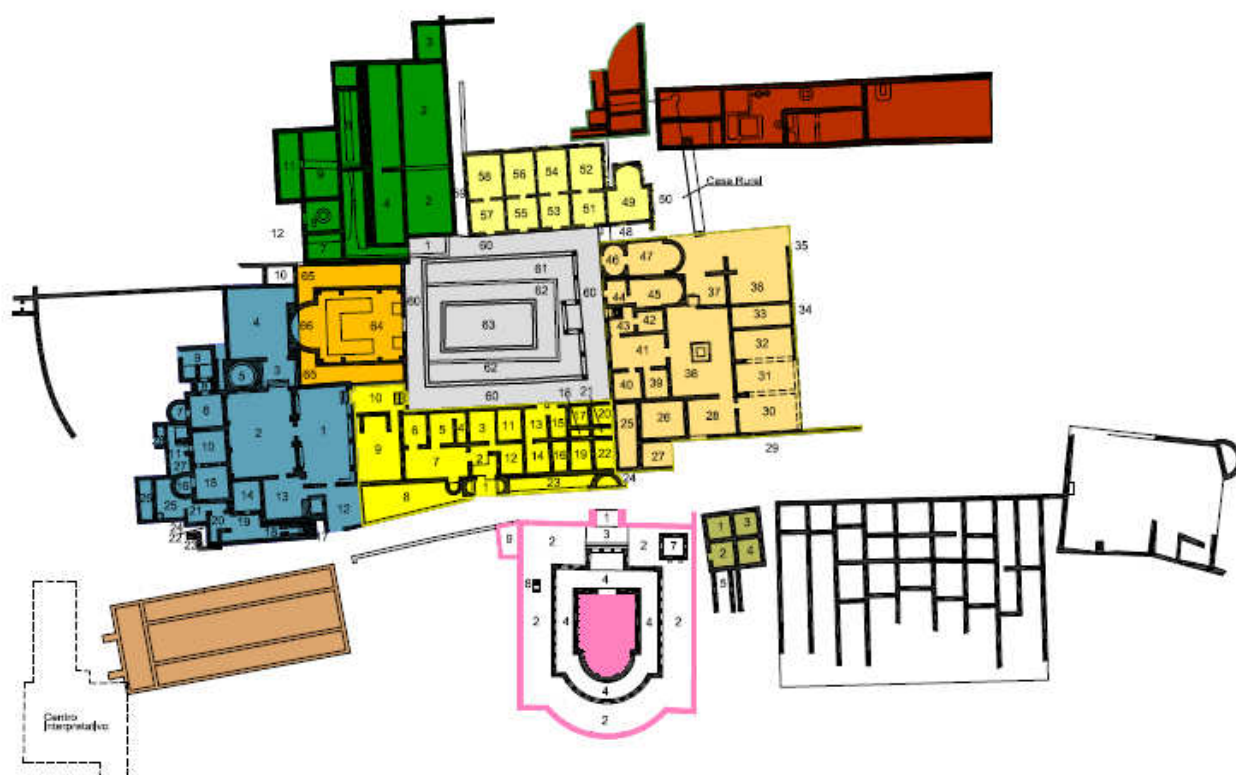
O templo dedicado às divindades aquáticas, padroeiras de abundância e saúde, foi erguido no século IV. No século VI o edifício foi cristianizado. No pátio foi descoberto um tanque baptismal rectangular e o recinto foi utilizado como cemitério. No século X, uma inscrição em árabe gravada numa coluna revelou a continuidade de utilização do edifício como espaço religioso pela comunidade muçulmana local.



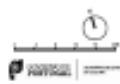
Mapa da Hispânia / Antiga Península Ibérica. Fonte: A Rota do Mosaico Romano.

As Ruínas Romanas de Milreu estão classificadas como Monumento Nacional desde 1910. Compõem-se de uma grande casa senhorial ou *Pars urbana*, complexo de termas ou *Balneum*, lagares de vinho e azeite, instalações agrícolas e um templo consagrado a divindades aquáticas.

Os vestígios arqueológicos ocupam uma área aproximada de 15.800 m², composta por muros, pavimentos, tanques, desníveis, sistemas de canalização e arranques de abóbada com diversos revestimentos como rebocos, pinturas parietais ou mosaicos. Estes elementos representam a evolução construtiva da “Villa” romana de Milreu entre os séculos II e IV d. C. e vestígios de ocupação humana até ao século VI um dos monumentos de maior valor artístico, arqueológico e patrimonial do Algarve.



- A - *Pars Urbana*
 - Peristilo / Peristilium
 - Triclinio / Triclinium
 - Sector Norte / Cubicula
 - Sector Sul
 - Sector Este
- B - *Termas / Balneum*
- C - Lagar de azeite
- D - Lagar de vinho
- E - Mausoléu (em propriedade privada)
- F - Alojamento agrícola
- G - Templo
- H - Armazém



Maio 2015
Reserva AB Milreu

A técnica de realização dos mosaicos

Utilizado na época romana quase exclusivamente como revestimento de pavimentos, o mosaico serviu também para revestir paredes, como se pode observar na piscina, nos tanques e no pódio do Templo de Milreu.

O êxito dos mosaicos como elementos decorativos do chão das casas romanas deve-se em primeiro lugar à sua função prática: era uma maneira segura de conseguir a impermeabilidade do piso, a um custo elevado, sobretudo devido à importante mão-de-obra requerida. O mosaico, denominado *opus tessellatum*, era constituído por *tessellas*, pequenos cubos de calcário, mármore, terracota ou vidro de pequenas dimensões. O topo de gama dos pavimentos era o solo de mármore, chamado *opus sectile*.

Vitrúvio, no seu tratado “*De Architectura*” escrito no século I d.C. descreveu o método de construção do pavimento de mosaico, que se apresenta de forma resumida:



Fonte: www.getty.edu/conservation/

- 1 – *Statumen* – preparação do solo com colocação de alinhamento de pedras colocadas na vertical.
- 2 – *Rudus* – Camada de gravilha com ligante de argamassa.
- 3 – *Nucleus* – Camada fina de argamassa de cal e elementos não plásticos triturados.
- 4 – Camada de assentamento de argamassa fina de cal.
- 5 – *Tesselatum* – Painel de mosaico

A decoração nos mosaicos

Os temas dos mosaicos de uma casa reflectem a classe social do seu proprietário, as suas percepções culturais inerentes à civilização romana e o seu gosto pessoal. O mosaico decorativo em pavimentos terá surgido no tempo do Império, como uma decoração geométrica, harmoniosa e simétrica. A partir do século II, as composições foram adquirindo complexidade cromática e temática, conquistando definitivamente protagonismo ao longo dos séculos III e IV.

As oficinas de mosaístas eram pequenas empresas compostas por uma dezena de artesãos de diferentes categorias, denotando-se por vezes num mesmo trabalho diferentes “mãos”. Existiam oficinas locais e oficinas que podiam deslocar os seus artesãos para o local da obra. Viajava-se facilmente com poucas ferramentas, preferencialmente por mar, o meio mais rápido e usual na Antiguidade. Cartago, grande cidade da África romana, exportou os seus melhores mosaístas para vários pontos do Mediterrâneo, como por exemplo, a famosa *villa* de Piazza Armerina e para a de Tello, na Sicília. Na maior parte dos casos, cada oficina tinha o seu catálogo pessoal que adaptava à solicitação do proprietário e espaço disponível. A paleta de cores era determinada pela matéria-prima local. Normalmente a oficina de mosaístas não assinava a obra realizada.

Na *villa* de Torre de Palma (Alentejo) um mosaísta deixou inscrita uma recomendação no mosaico: “Não estragues o mosaico com uma escova demasiado dura! Desfruta-o!”



O tema da água nos mosaicos de Milreu

A decoração dos mosaicos em Milreu acolheu uma nova temática relacionada com a água no período do Baixo Império (governos da Tetrarquia e de Constantino), a partir do séc. III. O seu conjunto artístico representa a diversidade e encantamento do mundo marinho, simulando o movimento constante do mar e dos seus personagens no contacto com a água.

O símbolo primitivo dos deuses do mar era o grego Posídon (Neptuno), irmão de Zeus (Júpiter), senhor das águas marinhas, dominando os grandes mamíferos aquáticos, peixes e todo o tipo de seres híbridos. Os artistas compunham verdadeiras “paisagens marítimas”, representadas por deuses, peixes e monstros imaginários. Em Milreu, entre os seres mitológicos, foram identificados o tritão (figura de corpo humano jovem com patas anteriores de equino), animais fantásticos e o pé de uma possível nereide, ninfa filha do dono primitivo dos mares Nereu, destronado por Posídon.

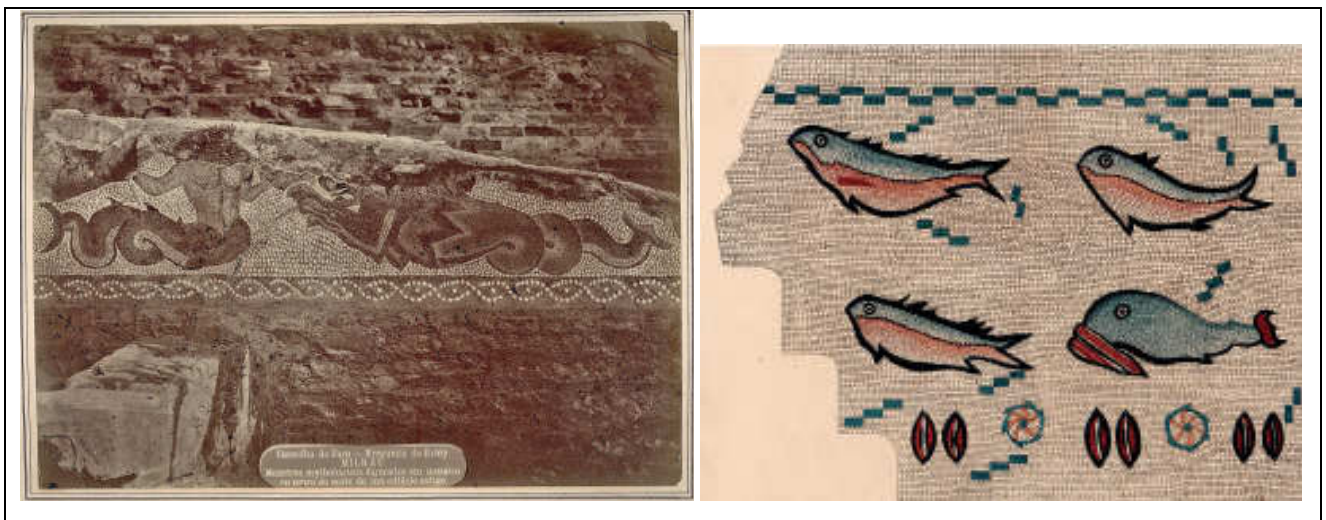
Esta temática encontra-se ainda associada à ideia de prosperidade e riqueza. Autores como Horácio (ver *Saturnalias*) e Plínio (ver *Naturalis Historia*) comentavam os abusivos preços do pescado nos mercados romanos.

Encontramos variada fauna marinha de representação realista, como o pargo, a dourada, os robalos, as garoupas, os bivalves, os tritões, a lula, ouriços-do-mar, seres mitológicos marinhos e algas. Todos os temas têm molduras simples ou com decoração geométrica que encerram o preenchimento do pavimento ou parede. A execução do mosaico do pódio do templo utilizou aproximadamente 500.000 tesselas.



Nestas regiões um pouco afastadas dos grandes centros urbanos era normal acontecer a deslocação de artesãos itinerantes provenientes de outros locais do Império romano. Na *civitas* de *Ossonoba*, tal como nas *villae* de Cerro da Vila e Milreu, é evidente a origem africana da oficina de mosaístas que realizou a decoração dos mosaicos. As oficinas de maior fama no mundo romano ocidental, devido ao seu reportório e excelente técnica, eram as do Norte de África.

O atelier de *musivarii* que trabalhou em Milreu na primeira metade do século IV funcionava de modo artesanal: compunha-se de mãos diferentes, com maior ou menor talento e também com desigual qualidade de execução. Desenhar tessela a tessela permite colocarmo-nos no lugar do mosaísta, seguir as suas incertezas, as suas omissões e os seus momentos de êxito.



Bibliografia

CAMPOS CARRASCO *et al*, 2008, *A rota do mosaico romano. O sul da Hispânia (Andaluzia e Algarve). Cidades e villae notáveis da Bética e Lusitânia romanas*. Universidade do Algarve.

HAUSCHILD, T. e Teichner, F., 2002, *As ruínas de Milreu*. IPPAR.

HAUSCHILD, T. (1984/88), O edifício de culto do complexo das ruínas romanas perto de Estoi, na provincia da Lusitânia. *Arqueologia e História*, Lisboa, série 10, I-II, p. 123-150. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses.

OLIVEIRA, C. F. (2010), *Mosaicos romanos de Portugal: o Algarve Oriental*. Tese de doutoramento em História (Arqueologia Clássica), apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

TEICHNER, F. (2008), *Zwischen Land und Meer – Entre tierra y mar. Studien zur Architektur und Wirtschaftsweise ländlicher Siedlungen im Süden der römischen Provinz Lusitanien*, *Studia Lvsitana*, 3, Merida, 2. vols.



(CG, em realização, janeiro de 2017)